

A CASA 292: MEMÓRIA, PERTENCIMENTO E PESQUISA EM ARTES VISUAIS

MATHEUS ALVES BRAUN¹; MARCO AURÉLIO DA CRUZ SOUZA²

¹Universidade Federal de Pelotas – matheusalmesbraun@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marcoaurelio.souzamarco@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo expandido surge de um recorte da dissertação de mestrado em desenvolvimento, com título provisório de Vivências em Artes Visuais: Desafios impostos pela Covid-19 na Universidade Federal de Pelotas, no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), na linha de educação em artes e processos de formação estética, orientado pelo Prof. Dr. Marco Aurélio da Cruz Souza. A pesquisa busca investigar os principais desafios enfrentados por professores e estudantes do curso de Artes Visuais Licenciatura durante a pandemia de Covid-19 na UFPEL.

A pandemia de Covid-19 estabeleceu silenciamentos e transformações profundas na vida social, familiar, profissional e educacional. Entre rupturas e incertezas no processo formativo do mestrando, emergiu a necessidade de revisitar suas memórias, lugares e afetos pandêmicos através de articulações metodológicas que auxiliassem no processo investigativo. Nesse contexto, a Casa 292, lugar onde um dos pesquisadores deste trabalho morou e viveu por muito tempo, lugar de infância, convivência e pertencimento, assume um papel central como território simbólico, poético e reflexivo.

Em diálogo com BACHELARD (2000), investigar a casa como território de memória e pesquisa se torna um dos eixos da pesquisa como procedimento metodológico, juntamente com ANGROSSINO (2009) e FORTIN (2010), que discutem a importância das escolhas metodológicas em uma pesquisa autoetnográfica. Assim, a investigação parte da pergunta: De que modo uma abordagem metodológica sensível pode abrir caminhos para pesquisar a casa e a memória como campos legítimos de reflexão em Arte/Educação?

2. METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa de caráter sensível e reflexivo, onde o mestrando se insere no contexto do estudo como pesquisador e também como parte do processo a ser investigado. Essa escolha metodológica veio da necessidade de retomar as suas experiências pandêmicas para poder dar continuidade a sua pesquisa iniciada na graduação que soa como “olhar para si, para depois olhar para fora”, e desta forma entender o contexto de forma mais ampliada.

O estudo se fundamenta em três eixos principais: A memória e o espaço habitado, a partir da poética do espaço de BACHELARD (2000); a observação participante como prática de proximidade e envolvimento com os meu campo de estudo, segundo ANGROSSINO (2009); e a escrita do eu, enquanto possibilidade de legitimar narrativas pessoais como campo de investigação (FORTIN, 2010).

Como procedimentos, são utilizados registros autobiográficos, memórias visuais (fotografias), narrativas reflexivas e a escrita poética como forma de ressignificar experiências passadas. A autoetnografia possibilita o entrelaçamento

entre experiência e cultura, entre o vivido e o coletivo, permitindo que a subjetividade seja reconhecida como parte legítima da pesquisa (REY, 2002). Nesse sentido, a Casa 292 é compreendida não apenas como espaço físico, mas como território simbólico, capaz de sustentar reflexões estéticas e educacionais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Casa 292 (Figura 1), foi onde a pandemia de Covid-19 começou para o mestrando, mas não apenas isso, foi neste lugar ao longo da sua infância, adolescência e parte da vida adulta, onde ele construiu muitas memórias, afetos e se constituiu como pessoa. A casa é nosso canto no mundo, é graças a ela que inúmeras de nossas lembranças estão guardadas por todos os cômodos (BACHELARD, 2000).



Figura 1 - Matheus Alves Braun, Casa 292. Acervo pessoal. Pelotas, RS. 2025.

Para BACHELARD (2000) a casa é onde se entrelaçam lembranças, sonhos e devaneios. Durante a pandemia, esse lugar foi ressignificado pelas circunstâncias, e se tornou também território de silêncio, isolamento e incerteza. Esse contraste revela que a casa também se molda através do mundo.

No decorrer das disciplinas e vivências no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas, o pesquisador percebeu que sua pesquisa foi se transformando, atravessada pelas intersecções entre a educação e a poética. Essas transversalidades sempre estiveram presentes, mas nem sempre se mostraram evidentes para ele. Se aproximar de uma perspectiva mais sensível exigiu coragem para acolher as possibilidades que ela abre no campo da pesquisa em Artes e na relação com a Educação Estética.

O exercício autoetnográfico mostra que, ao narrar memórias pessoais, é possível construir uma compreensão ampliada sobre os modos de viver, criar e aprender sobre si mesmo e sobre o próximo. Essa metodologia “se caracteriza por uma escrita do ‘eu’ que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si” (FORTIN, p. 83, 2010). Como lembra ANGROSINO (2009), o pesquisador não está distante do processo, é parte importante dele, seja por sua presença, ou pelas experiências que carrega e o modo como reflete sobre o campo ao qual pertence. Quando, em diálogo com o orientador, foi decidido

inserir o estudante dentro da pesquisa, assumindo um lugar que não é apenas de observador, mas também de participante ativo de tudo aquilo que narra, significou retomar suas memórias pandêmicas e revisitar um tempo singular, agridoce, se entregando de corpo e lembranças a essa imersão, sempre atento ao presente, me reconhecendo como parte viva deste campo de investigação.

Assim, a pesquisa sugere que a memória e a poética do espaço habitado podem se tornar meios de compreensão de processos formativos em arte-educação, revelando o potencial criador e reflexivo que o cotidiano tem. Olhar para a própria trajetória com o distanciamento de um pesquisador, buscando enxergar com outras lentes, permite que memórias e experiências revelem descobertas inesperadas. Revisitar o passado pode ser um gesto de desconforto e de nostalgia, mas, como pesquisador, é preciso se equilibrar entre os fatos e a presença do olhar poético.

Quando, na nova casa, retornam as lembranças das antigas moradas, transportamo-nos ao país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos ao reviver lembranças de proteção. [...] Evocando as lembranças da casa, adicionamos valores de sonho. Nunca somos verdadeiros historiadores; somos sempre um pouco poetas, e nossa emoção talvez não expresse mais que a poesia perdida. (BACHELARD, 2000, p. 25-26).

Retornar ao passado, à casa, às memórias distantes, não significa sempre voltar às tardes ensolaradas de domingo, com uma mesa farta para o café da tarde, a família reunida compartilhando vida e gargalhadas. Às vezes significa voltar para as noites nubladas e frias, para a ansiedade, para o medo e as incertezas que pautaram longos períodos de reflexão. Voltar para o sentimento de perda, a dor da separação, acessar momentos de angústia profunda. Tudo isso ainda se encontra entre os cantos e corredores da Casa 292. Como já dito, é agridoce.

4. CONCLUSÕES

Finalizar este recorte da pesquisa é também reconhecer que a casa, a memória e o afeto são elementos que sustentam reflexões importantes em Arte/Educação. A Casa 292 não é apenas um espaço físico, mas um território simbólico que carrega sentidos, lembranças e marcas que atravessam tanto a formação pessoal de um dos pesquisadores deste estudo quanto a sua formação docente. Revisitar esses lugares significa legitimar às experiências e reconhecer o cotidiano como campo fértil para a pesquisa.

Essa trajetória evidencia que uma metodologia sensível pode abrir caminhos diferentes para investigar a vida e o ensino de Artes Visuais. A escolha por se inserir como pesquisador e sujeito deste processo revelou que narrar as próprias memórias não é um gesto individualista, mas uma forma de ampliar a compreensão sobre os atravessamentos coletivos vividos. A pandemia, nesse sentido, não foi apenas um evento externo, mas também um acontecimento interno, que se tornou capaz de ressignificar espaços e experiências. A pesquisa mostra que olhar para o passado não é buscar respostas definitivas sobre o que foi bom ou ruim, mas compreender a complexidade de um tempo que ainda reverbera. Entre lembranças de afeto e momentos de perda, o exercício de revisitar a casa lhe permite pensar como o espaço vivido e a memória se

transformam em dispositivos de criação e reflexão, capazes de dialogar com a educação e com a arte.

Assim, este trabalho se coloca como uma tentativa de documentar, refletir e ressignificar aquilo que muitas vezes se perde no silêncio do dia a dia. Reconhecer a memória e a casa como territórios de investigação é também propor novas formas de pensar a formação estética e docente em Artes Visuais. É afirmar que a pesquisa pode nascer de dentro, do íntimo, do vivido, e que é nesse entrelaçamento entre vida e poética que se abrem novas possibilidades para a Arte/Educação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FORTIN, S. **Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística**. Tradução de Helena Maria Mello. Cena: Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Instituto de Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 7, p. 77-88, 2010.

REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, B.; TESSLER, E. **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002. (Coleção Visualidade, 4).